

Corpos em transformação

■ CARLOS ANDREI SIQUARA

Em 2001, Emilie Sugai sofreu a perda de Takao Kusuno, coreógrafo japonês com quem aprimorou suas pesquisas na linguagem *butô* e conviveu durante uma década. Ainda em meio ao luto, no ano seguinte, ela concebeu o espetáculo "Tabi", que se volta a boa parte das reflexões provocadas pelo mes-

tre radicado no Brasil naquela época. Quatro anos após sua passagem por Belo Horizonte, a artista paulistana retorna com esse trabalho, que será apresentado hoje, no Teatro Klaus Vianna, antecedendo a encenação de "Lunaris", seu projeto mais recente, a ser visto amanhã, no mesmo local.

Equivalente a palavra via-

gem na língua japonesa, "Ta-

bi" é para Sugai o reflexo de uma jornada. Além de uma metáfora para o seu próprio caminho pessoal de busca pela sua ancestralidade.

"Nesse espetáculo, eu dialogo muito com a questão da identidade cultural, dessa relação entre ter um corpo japonês e um corpo brasileiro. É fruto, assim, de muitas conversas que eu travava com Takao. Ele sempre dizia: 'você tem sangue japonês, seu corpo é japonês'. E aquilo me provocava, pois eu nunca tinha questionado a minha identidade cultural, já que sempre pensei em mim mesma como sendo brasileira", afirma Emilie Sugai que é neta de imigrantes japoneses.

Tendo esse questionamento como traço fundamental do seu percurso de criação, a artista, cuja formação é em dança, convidou a atriz Dorothy Lenner, que, por sua vez, atua com ela em "Tabi". Também aluna de Kusuno, Lenner trouxe ao espetáculo, de acordo

com Sugai, uma carga representativa dessa forte ligação com o passado.

"A Dorothy, com seu corpo de uma mulher de 80 anos, frágil e de muita beleza, evoca essa imagem que, ao mesmo tempo, se refere a uma mãe e a essa ancestralidade, no meu caso, oriental. Ela também simboliza essa trajetória dos imigrantes, uma vez que sua origem é romana", observa Sugai. "Há, assim, um olhar para essa diferença de gerações que tem uma apelo cênico através da imagem do contraste entre nossos corpos", completa.

Já em "Lunaris", Sugai estreita novamente os laços com a cultura oriental, interpretando em movimentos, alguns dos poemas do escritor japonês Matsuo Bashô (1644-1694). Ponto de partida para a criação dessa montagem foram os *haikais* do poeta que, entre outros temas, elegeu a lua como um dos principais elementos de sua admiração.

"Assim, a contemplação

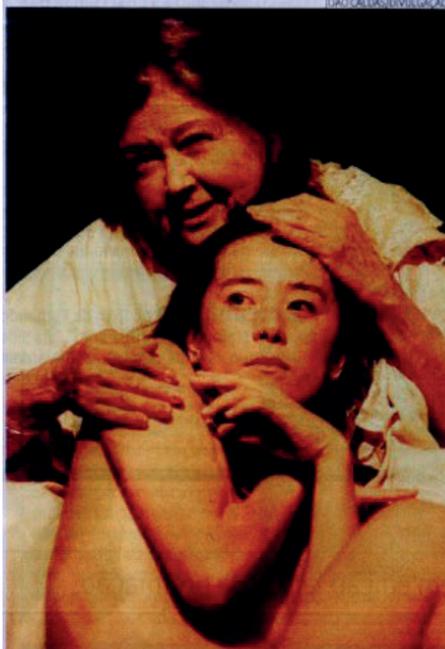
da lua, com suas diferentes fases, é o fio condutor desse trabalho. Eu também me inspirei em um texto de Junichiro Tanizaki, chamado 'Elogio à Sombra', que está muito presente nessa criação", afirma ela.

Em comparação com o primeiro espetáculo, Sugai diz que, embora bastante distintos, ambos talvez possam se aproximar pela dinâmica

da transformação.

"Em 'Lunaris', eu foco mais a relação do homem com a natureza, e toco também em algumas partes sombrias do humano. São pontos perpassados pela ideia de transitoriedade, uma vez que levo à cena diferentes figuras, nas quais vou me transformando, como um pescador, um guerreiro e uma anciã", conclui.

JOEL PEZZINI / DIVULGAÇÃO



Em "Tabi", Emilie Sugai contracenava com a atriz Dorothy Lenner



Em "Lunaris", a artista interpreta movimentos inspirados em Bashô

Programa-se

O QUÊ. Apresentação do espetáculo "Tabi"

QUANDO. Hoje, às 21h

ONDE. Teatro Klaus Vianna - Oi Futuro (Av. Afonso Pena, 4.001, Mangabeiras, 3229-3131)

QUANTO. R\$ 15

O QUÊ. Apresentação do espetáculo "Lunaris"

QUANDO. Amanhã, às 21h

ONDE. Teatro Klaus Vianna - Oi Futuro (Av. Afonso Pena, 4.001, Mangabeiras, 3229-3131)

QUANTO. R\$ 15

BUTOH

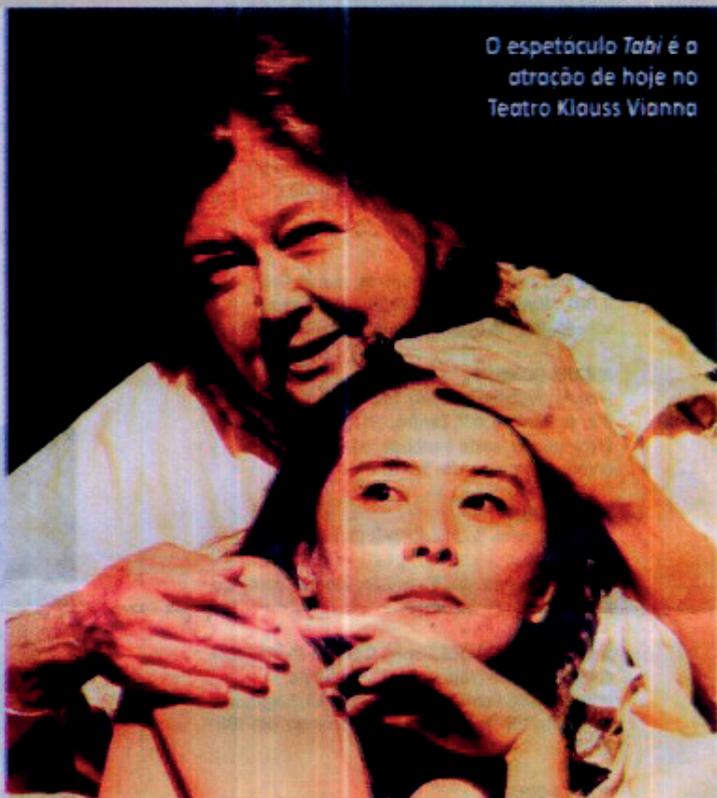
Foco no corpo

ANA CLARA BRANT

O butoh é um movimento que mescla dança, artes plástica e literatura e surgiu no Japão pós-guerra, ganhando o mundo na década de 1970. Criado por Tatsumi Hijikata e Kazuo Ohno, o butoh é também inspirado nos movimentos de vanguarda: expressionismo, surrealismo e construtivismo.

O público de Belo Horizonte terá a possibilidade de conhecer o mundo fascinante dessa manifestação nipônica em dois espetáculos de dança que já percorreram importantes palcos no Brasil e no exterior e chegam essa semana à capital. *Tabi* será encenado hoje, e *Lunaris*, amanhã, no Teatro Klauss Vianna (OI Futuro).

Nos dois espetáculos, os artistas expressam o corpo e as suas possibilidades. "É um trabalho corporal expressivo que foca



O espetáculo *Tabi* é a atração de hoje no Teatro Klauss Vianna

muito na questão do ser humano", afirma a coreógrafa e dançarina-performer Emilie Sugai, neta de japoneses. "É extremamente contemporâneo, apesar de se basear em algo tradicional."

Criado há 10 anos, *Tabi* (jornada, viagem) é fruto das indagações de Emilie quanto ao "corpo japonês/brasileiro" que se inicia no encontro com o multiartista japonês Takao Kusuno. Na produção, há uma busca no tempo da ancestralidade.

A artista faz questão de ressaltar que não se trata de um resgate histórico da imigração japonesa no Brasil, mas dos questionamentos a partir do corpo, misturando fragmentos de memórias tanto individuais quanto coletivas. "Esse corpo é japonês, porém tem um modo de ser brasileiro. Em *Tabi*, experimentamos o corpo e suas possibilidades, que expressam nossas inquietações estéticas bem como o meu processo existencial. Trazemos a questão da cultura e das gerações para o palco", complementa.

A montagem conta também com Dorothy Lenner, octagenária atriz, bailarina, professora, diretora e pesquisadora, nascida na Romênia e radicada no Brasil. Formada pela Escola de Arte Dramática (EAD-USP) em 1958, Dorothy conheceu Takao Kusuno 20 anos depois, quando participou de seus primeiros trabalhos.

LUNARIS O outro espetáculo, *Lunaris*, é inspirado na poesia zenbudista de Matsuo Bashô (1644-1694), considerado o criador do haikai, forma poética de origem japonesa, que valoriza a concisão e a objetividade. A produção se baseou justamente em um dos haikais de Bashô.

Segundo Emilie Sugai, o mundo em que se passa essa montagem de dança-teatro cria uma interface artística entre a linguagem do corpo e a imagem da lua, aliada ao imaginário poético que ela, seus mitos, suas fases e sombras inspiram e ressoam em vários níveis sociais e culturais.

"Os japoneses têm uma admiração e uma relação antiga muito forte com a Lua e adoram contemplá-la. Além disso, trago a coisa da sombra e da obscuridade. O meu corpo recria formas ancestrais das personas de um guerreiro, de um pescador e de uma anciã que vagueiam em torno de um lago, contemplando a Lua. É extremamente poético e interessante", explica.

TABI

Hoje, às 21h, no Teatro Klauss Vianna OI Futuro (Av. Afonso Pena, 4.001, Mangabeiras). Amanhã, no mesmo horário e local, será a vez de *Lunaris*. Ingressos a R\$ 15. Informações: (31) 3229-3131 e www.emiliesugai.com.br